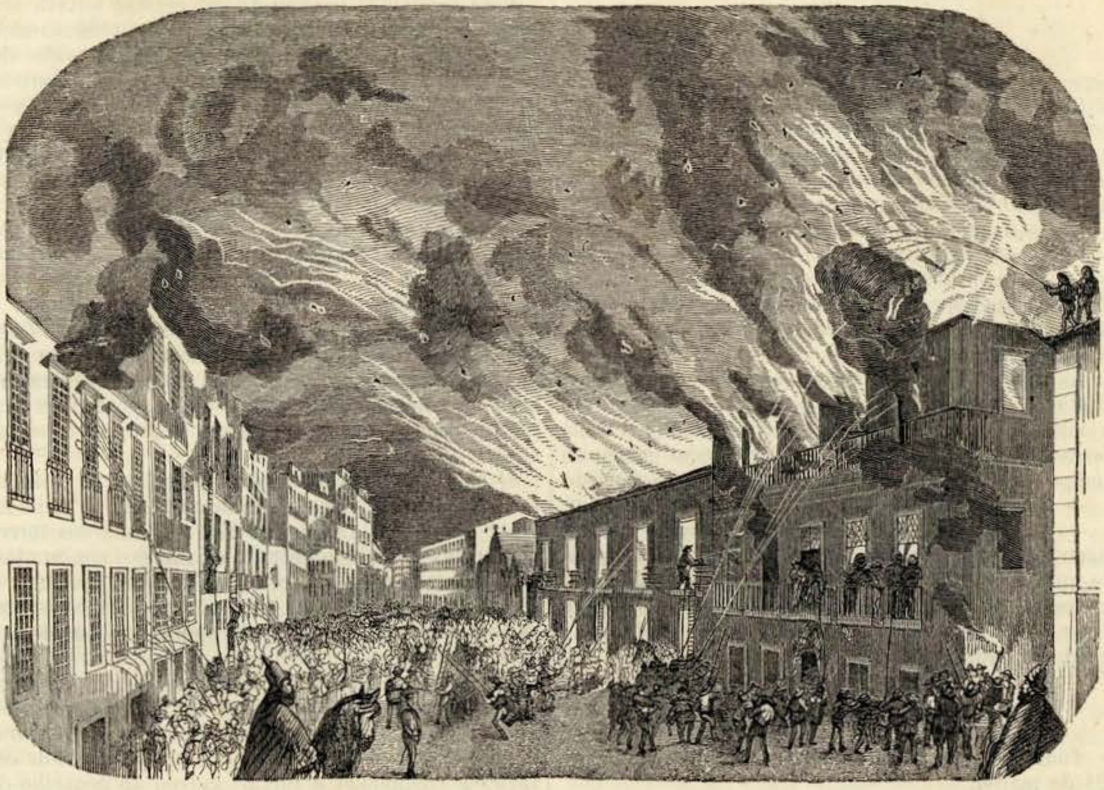


O fogo da Boa-Vista. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Na noite de 9 de novembro do anno que findou, um pavoroso incendio, que ameaçou Lisboa com suas compridas e inclinadas chammas, rebentou á Boa-Vista, n'umas carvoarias, estancia de madeira e officina de ferreiros, que existiam por detrás da grande estancia do sr. Thomaz Gomes & C.ª A noite já de si estava medonha: atmosphera negra e completamente cerrada; chuva em grossas torrentes, sacudida e revolvida por vento sul desenfreado. Seria meia noite quando fumo e intenso clarão, penetrando e illuminando o interior das habitações fronteiras, denunciaram a alguns visinhos o perigo que mui proximo os cercava. Soltam-se gritos, tocam-se apitos, chegam os primeiros soccorros, e, não obstante as difficuldades que as circunstancias do local apresentam, consegue-se chegar ao logar do fogo. Por momentos se julga este dominado, e salvos, portanto, a grande estancia e o predio onde existia a typographia do *Archivo*. Mas a agua falta, com admiração e indignação publicas, porque bastante ha proximamente; o vento, assoprando de mais em mais furioso, anima de novo as chammas, que atacam um tapume divisorio, passam ao telhado, e lhe queimam o madeiramento; e este, abatendo inflammado sobre as pilhas de madeira da grande estancia, em rapidos momentos communica e torna geral o incendio no interior d'esta, cujas portas e janellas vomitando fumo e labaredas, mais parecem entradas e respiros do inferno. Dois bombeiros cáem das janellas soffocados, e ficam feridos. Unido, compacto, e terrivelmente magestoso se ergue o incendio n'uma unica, enorme columna de fogo que, açoitada pelo furioso vento, toma a fórma curva e beija os andares superiores dos predios fronteiros. É um perfeito arco de lume que n'estes momentos coroa a rua. A inquietação e o terror tornam-se, então, geraes e mais profundos, porque uma grande parte do bairro está em risco de ser devorado pelas chammas. Os esforços, porém, d'algumas pessoas destemidas conseguem, com risco proprio e graves difficuldades, apagar o fogo nos andares fronteiros. Mas o incendio invade de flanco o predio onde está a typographia, pelos andares todos quasi ao mesmo tempo, e com tal rapidez e intensidade, que torna impossivel a salvação do que ahi existe. Ás tres horas da manhã, predio e estancia estão envoltos pela base d'uma pyramide de fogo, cujo vertice se perde por entre as trevas d'uma atmosphera tempestuosa, lançando de continuo estilhaços de madeira em braza que o vento leva, com a velocidade do raio, a grandes distancias, e ás quatro da tarde, são apenas ruinas que por muitos dias fumam.

Não foram diminutas nem menos notaveis as perdas que este terrivel incendio causou. Felizmente a grande estancia e a typographia tinham segurado parte do seu material. A typographia acha-se já montada de novo, para o que muito concorreu a promptidão dos seguros e os valiosos serviços do Instituto Industrial, que generosamente se prestou a restaurar os prelos e machinas, exigindo apenas os salarios dos operarios. Faça-se aqui esta declaração, como testimunho de gratidão, bem como para gloria do paiz se mencione o excellente desempenho do reparo dos ditos prelos e machinas, que se chegou a reputar perdidos, em consequencia do estrago geral que o fogo lhes fez, e das muitas peças que lhes inutilisou, ficando o mais perfeitas possiveis. Comprou-se um prelo mechanico expressamente para o nosso jornal, cujo primeiro volume se principiou já a reimprimir, e o *Archivo* continúa hoje com a mesma regularidade e notaveis melhorias, confiado no lisongeiro e esperançoso acolhimento que o publico favor sempre lhe deu.

VASCO LOPES,

GRÃO MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

IV.

A vista do ramilhete caído a seus pés, Isabel e Leonor sobresaltaram-se e commoveram-se. Por um movimento instinctivo a pupilla levantou as flores e leu a cinta rapidamente.

— E elle! (exclamou Leonor com voz enternecida).

Ambas correram á varanda, e viram destacar das sombras da noite uma figura que, com o joelho sobre a terra, estendia os braços para ellas, em signal de dolorosa despedida. Era Ramiro. Ao ver que Leonor não estava só, levantou-se com presteza, e perdeu-se na escuridão.

As duas damas inclinaram o corpo sobre a balaustrada da varanda, e em vão procuraram seguir com a vista o homem que se apartava. Como por uma força galvanica, Leonor permaneceu assim por muito tempo, até que Isabel a tirou d'aquella abstracção.

— Conheceste-o?

— Ah! é elle! (dizia Leonor com accento apaixonado, apoiando-se no braço de Isabel.) Vi-o! é aquelle que amo! Ouviu-me... estava alli quando eu o chamava... respondeu-me... mas fugiu!... Porque fugir, se já sabia que o amava, se já descobrira o segredo da minha vida?...

V.

Tudo isto se passava na noite que precedia o dia 24 de março.

Ramiro quizera passar as primeiras horas d'essa noite respirando o mesmo ar que Leonor respirava, contemplando as paredes vetustas que a escondiam ás suas vistas cobiçosas, esperando talvez vêl-a apparecer um momento n'aquella varanda, para então, silencioso, cheio d'amor e respeito, lhe dirigir uma vista que fosse o adeus de despedida, quando ia conquistar o direito de declarar em voz alta a sua paixão, que até alli guardava encerrada no peito.

No meio d'aquella praça deserta escutára os deliciosos accentos de Leonor. Com aquella voz que penetrava em sua alma, chegára-lhe uma revelação magica, revelação santa, capaz de o fazer desafiar todos os poderes da terra.

Ramiro era amado!

Era com este prenuncio feliz, que corria a combater!

VI.

Todos dormiam em Uclés. Os cavalleiros repousavam no seio da antiga segurança, e de somno pacifico, quando ao amanhecer do dia 24 despertaram sobresaltados pelos signaes de alarme dados pelo castello e pelas torres das portas.

Os conjurados tinham conduzido admiravelmente a empreza temeraria.

D. Mendo dispozera as suas influencias, repartíra os chefes e os soldados, levantára o estandarte real, e tudo seguíra bem, rodeado de silencio e segredo.

Chegada a hora o castello de Uclés caía em poder dos conjurados. Nada era comparavel á inquietação que se manifestou entre os cavalleiros, nem ao movimento que se espalhou entre o povo.

Ignorava-se a causa do rebate; mas isso mesmo era mais uma razão para multiplicar o interesse de todos. Uns cuidavam ver sobre Uclés um exercito de arabes, outros as tropas do rei. Ninguem acertou com a verdadeira causa, tão bem guardado fôra o segredo da sublevação. Debalde os olhos de todos, com os primeiros alvores do dia, se fixaram no castello para descobrirem a sua bandeira natural. O estandarte da ordem já não fluctuava n'elle.

Para completar o exito da empreza só faltava ver chegar as hostes, que Affonso XI promettêra mandar sobre Uclés, para sustentar o castello em poder de D. Mendo, assim como as torres das portas e outros pontos de defesa, faceis de occupar no primeiro momento de alarma e de surpreza. Mas essa esperança falhou. Affonso XI achára o caminho cortado e fôra obrigado a demorar-se para observar os movimentos d'um corpo de parciaes do infante D. Manoel.

As horas passavam e os vigias dos sublevados não annunciavam a chegada das tropas reaes. O medo, a reflexão, as duvidas mais poderosas, resfriaram o ardor de muitos, que tinham promettido secundar a empreza dentro da povoação. Prudentes por cobardia ficaram em inacção. Tudo dependia d'este primeiro movimento. Os conjurados que estavam encerrados nos fortes ficaram abandonados, porque os grupos exteriores que os apoiavam eram pouco numerosos.

O maior numero dos sublevados estava no castello. D. Mendo tinha surprehendido o cavalleiro que com vinte homens o guarnecia. Mas em uma das torres das portas só tinham entrado quatro dos conjurados, que Ramiro commandava. Era possivel defender o castello por muitos dias, mas não podiam conservar as torres sem que a povoação apoiasse claramente o levantamento.

Ao primeiro aviso da sublevação, em presença d'um perigo que devia vencer, D. Vasco esqueceu o secreto temor que as ameaças de Isabel lhe inspiravam, e desenvolveu a antiga energia. Homem de coração e costumado a luctar, entrou no conselho da ordem com a altivez do antigo commendador, e sem a menor alteração no rosto.

O conselho reunira-se por si mesmo á noticia do perigo. Era para ver n'aquella hora, em que apenas assomava o crepusculo da manhã, todos os velhos commendadores consternados, confusos, caminhando com passos apressados para o convento.

A discussão foi larga, os pareceres, como succede sempre em presença de grande perigo, vacillantes e incertos. O grão-mestre julgou que na promptidão do ataque estava a sua salvação, e juntando os cavalleiros mais decididos, tomou o estandarte da ordem, saiu rapidamente, e desfez os grupos dos sublevados, não lhes dando tempo para que augmentassem com outros que entravam na conjuração, e que estavam suspensos á espera de ver maiores probabilidades de triumpho.

Assim ficou a rebellião circumscripta aos dois pontos occupados pelos parciaes do rei, o castello e as torres. O temor de verter sangue inutil, e ainda mais o de ver d'um momento para o outro apparecer forças que apoiassem os conjurados, sem a esperança do que não se concebia o levantamento, fez que, apesar de muitos cavalleiros entenderem ser mingua de decoro tratar com os rebeldes, se enviassem mensageiros ao castello e ás torres, convidando-os a submetterem-se á obediencia do grão-mestre.

Os do castello receberam o mensageiro da ordem a tiros de ballistra, pelo que teve de retirar-se sem cumprir a missão conciliadora.

VII.

Tinha passado a manhã do dia 24, e as forças do rei não appareciam. Os conjurados do castello viam, com surpreza, passar o tempo, e ainda que em cruel anxiedade, esperavam em sua louca illusão o memento d'uma sublevação geral. Para os convencer melhor resolveu o grão mestre assaltar a torre que

defendia as portas da povoação. Ao signal convencionado varios cavalleiros a assaltaram com o valor e confiança que inspira o convencimento de encontrar curta e debil resistencia. No ataque morreram dois cavalleiros; mas ainda que Ramiro e seus quatro companheiros fizeram prodigios de valor, ficaram vencidos e prisioneiros. Queriam alguns dar-lhes immediatamente a morte, para vingar os dois cavalleiros que tinham succumbido; mas o chefe lhes ponderou que no castello havia vinte cabeças que seriam terrivel represalia áquellas vidas. A furia dos mais indignados conteve-se. Algemaram os prisioneiros, encerraram-nos em escuro calabouço, e os vencedores foram offerecer a D. Vasco o tropheu da sua facil victoria.

O grão-mestre e o conselho conceberam então a esperança de apoderar-se do castello por persuasão e temor, e mandaram novo emissario que lhe participasse a occupação da torre e a prisão dos rebeldes.

Ao saber que Ramiro estava prisioneiro, carregado de ferros e exposto á terrivel vingança de D. Vasco, Mendo perdeu toda a energia. O homem esqueceu-se que era conquistador, e seus olhos verteram lagrimas. O desalento entrou tambem em todos os companheiros: as illusões dissipavam-se para dar logar ao abatimento: um terror panico se apoderou de todos os animos ao ver que não havia esperanças de que fosse secundada e resgatada empreza tão felizmente começada. Decidiram-se, em fim, a capitular com a ordem, e sob o seu terror o unico artigo que estipularam foi entregarem o castello e renunciarem para todo sempre a qualquer idéa de sublevação, se se lhes concedesse impunidade por esta falta, bem como aos da torre.

Ainda alguns codices e registos da ordem de Santiago, onde se póde ver a petição dos sublevados, escripta em taes ou equivalentes termos, conservam a par d'ella esta resposta:

«Que havendo o mestre, assistido d'alguns commendadores, examinado a petição, usando da sua natural clemencia, promettia aos levantados manter a observancia dos seus foros e leis, que suppunha nunca ter menoscabado: e em quanto á pedida impunidade, outorgava a vida e remissão de toda a pena corporal aos levantados do castello, com tanto que em continente depozessem as armas, saíssem da fortaleza a seis e seis, e d'antemão enviassem oito d'entre si em refens ao convento de Uclés.»

D. Mendo, a quem se transmittiu esta resposta, communicou-a aos companheiros, que a receberam com grandes acclamações de alegria. Aquelles homens, que n'aquella mesma manhã se tinham mostrado tão resolutos a morrer intrepidamente no seu posto, e preferiam antes sepultar-se nas ruinas do castello que render-se, regozijavam-se na tarde do mesmo dia com se lhes conceder a vida, e em gritos se mostravam promptos a depor as armas, dar os refens pedidos, e abandonar a fortaleza.

Em vão o prior, com lagrimas nos olhos, lhes recordava os prisioneiros da torre, que se deviam olhar como refens; em vão com a voz suffocada pelo sentimento, lhes dizia que entre elles estava Ramiro, seu filho adoptivo. O mensageiro declarava que n'esta capitulação não entravam os da torre, e que, se deixavam chegar a noite, decidiria a força, porque o grão-mestre retirava o perdão.

D. Mendo insistia. Um murmurio de desapprovação cobriu a sua voz. Tanto estavam modificadas as idéas, e tão repentinamente mudados os homens! O prior, que ainda havia um momento os dominava, e tinha para elles toda a auctoridade, nem podia agora fazer-se ouvir!

O emissario insistiu, e oito se apresentaram como refens. Os demais depozeram as armas.

Antes de anoitecer já ondeava de novo nas almenaras do castello o estandarte de Santiago.

VIII.

Envolto em largo manto branco, sobre o qual, como grande mancha de sangue, brilhava a cruz roxa de Santiago, o grão-mestre percorria agitado uma das salas do convento-palacio. Uma lampada pendente do tecto artezoado espalhava n'aquelle vasto recinto luz frouxa e vacillante. No semblante queimado d'aquelle homem trasluziam a fadiga e as emoções vehementes, experimentadas em todo o dia.

— Venci! (exclamava) agora posso ferir e perdoar ao mesmo tempo: posso cumprir a minha palavra e vingar-me. Que é feito dos sublevados? Os do povo arrependeram-se. Os poucos cavalleiros que n'isso tomaram parte fugiram sem duvida para o campo de Affonso. Dos caudilhos um morrerá pela espada e o outro pela dor, já que por sua dignidade e pela capitulação está a coberto da hacha dos meus algozes!

D. Mendo era o poupado. E em verdade o prior da casa conventual de Uclés fôra em todos os tempos alta dignidade, que nos seculos posteriores os papas transformaram em episcopado independente, e que dura ainda, mesmo depois que das ordens religiosas nada mais resta que a memoria e o nome.

Vasco tirou d'um apito de prata um triplice assobio. Um familiar appareceu respeitosamente, e disse:

— Chega o prior, e os verdugos.

— Que todos estejam promptos para depois que tenha repousado um instante (lhe tornou o grão-mestre).

O servo saiu. Vasco embuçou-se no manto, e sentou-se no extremo da sala com os cotovellos apoiados sobre uma mesa, e o rosto escondido entre as mãos.

Permaneceu silencioso.

Passaram assim alguns instantes; a mudez que reinava na extensa e mal alumiada estancia parecia o silencio do tumulo.

Ouviu-se então um rumor de passos longinquos, e o familiar introduziu para alli um homem moço. Depois voltou acompanhado de D. Mendo, a quem disse, apontando para o primeiro:

— Ouvi de confissão aquelle homem, e sêde breve, que já o espera o algoz.

Mendo á primeira vista não descobria ninguem. Um momento depois divisou ao longe um homem embuçado e sentado junto á mêsa, e no meio da sala outro algemado.

Quem seria o que estava em ferros, e sem duvida o esperava para morrer? O coração presentiu-o, e não se enganára.

(Continúa).

Convidando Socrates o seu amigo Eutydemo para cear, Xantippa, sua mulher, que tinha um genio terrivel e era muito grosseira, cobriu-o de injurias, e, nos transportes da colera, tombou a mêsa. Eutydemo, indignado, levantou-se para se retirar, quando Socrates, sustendo-o pelo braço, lhe exclamou em tom folgazão: «Pois que! já te esqueceste de que nos pozemos a rir quando antes de hontem, jantando juntos, uma gallinha espantada saltou por cima da mesa e deitou tudo ao chão?»

Os avaros mais odiosos são aquelles que, por um vil espirito d'interesse, s'ingerem nas transacções de negocios publicos. Estes são as verdadeiras sanguisugas do povo.

OS PRIMEIROS AMORES.

Que objecto, que attractivo assumpto preoccupa e prende a ingenua attenção d'aquellas crianças? Será um simples brinquedo da infancia, um futil entretenimento de rapazes? Não, porque é a comprovação dos primeiros amores, dos unicos, dos verdadeiros, dos mais felizes da vida, d'amores como nunca mais se sentem, d'amores como nunca mais se gozam, d'amores que não voltam, d'amores que não se encontram mais.

Trata-se alli de uma grave questão.

É o caso. Pedro e Adelaide encontraram-se pela primeira vez; e que succedeu? O mesmo que sempre acontece, quando os dois sexos se encontram: sentiram-se attrahidos um pelo outro. Analysaram-se primeiro, depois sorriram com esse sorriso que parece dizer: és exactamente tu por quem o meu coração procurava, e, atirando com os bonitos para o lado, correram um para o outro, e, abraçando-se muito, se desfizeram em beijos. Estava a declaração feita: a natureza acabava de revelar o germen das suas amorosas aspirações, taes como as nutre na virgindade: a vida matutina, embalada ainda pela candura que reveste a innocencia, manifestou, em presença do ceo e dos campos, as suas primeiras sympathias e affeições, tão puras como o azul d'esse ceo, tão espontaneas e livres como a brisa que percorria esses campos. Não era, porém, tudo. Atraz d'essa declaração muda, mas a mais eloquente, romperam as declarações verbaes: os amores de cada um não poderam conter, por mais tempo, os murmurios de seu candido ardor.

— Gostas de mim? disse Adelaide para Pedro, tomando-lhe ambas as mãos.

Pedro respondeu-lhe com um beijo, que Adelaide acceitou logo, offerecendo-lhe a face esquerda.

— Como te chamas?

— Pedro, e....

— E eu chamo-me Adelaide.

— Tens um nome bem bonito.

— E tu tambem; parece que se fizeram um para o outro, não parece?...

Adelaide entristeceu e tornou-se pensativa ao terminar esta pergunta, como assaltada por subita e amarga reflexão.

— Que é isso? que tens tu? acudiu logo Pedro, afagando-lhe a barba.

— É uma cousa... Dize-me: teus paes não virão cá mais vezes?...

— Não sei....

— Pois eu tambem não, acrescentou Adelaide, continuando triste e pensativa.

— Não estejas assim, não?...

— Estou, sim.

— Então porque?

— Porque não torno mais a ver-te.

Pedro reflectiu.

— Mas olha: teus paes hão de ir pagar a visita aos meus, pois não hão de?... e tu has de ir tambem...

— É verdade! é verdade! exclamou Adelaide, saltando de alegria. Fallaremos então, não é assim?

E desatou a correr, olhando attentamente para um e outro lado, como quem procura alguma cousa.

— Onde vás tu? perguntou Pedro seguindo-a.

— Vou apanhar mal-me-queres.

— Para fazeres ramilhetes?

— Para ver se me queres bem.... Ah! alli estão muitos.

E aproximando-se de um grande numero de mal-me-queres que bordava as margens do caminho, apanhou dois, e, dando um a Pedro, correu para uma pedra coberta de viçosa relva que ficava defronte.

— Sentemo-nos aqui, e vamos a ver se me queres bem.

Pedro, que ignorava o processo, enfiou a flor n'uma das casas da sua jaqueta.

— Que estás tu a fazer? acudiu Adelaide. Ai! que não sabes! Estas flores são para cada um de nós ver se o outro lhe quer bem ou mal. Olha. Principia-se pelo nome da flor: tira-se a primeira folha e diz-se: *mal-me-quer;* depois tira-se a segunda e diz-se: *bem-me-quer;* quando se tira a terceira torna-se a dizer: *mal-me-quer;* e assim até desfolhal-a toda. Se acaba em *bem-me-quer,* é signal de que a pessoa por quem se deita nos quer bem; se em *mal-me-quer,* é signal de que nos quer mal. Percebeste?

— E isso é verdade? observou Pedro, meio incredulo.

— Ora se é! Tenho-o visto fazer a minhas irmãs, que já são de juizo. Ás vezes passam aqui tardes inteiras ao despique, a ver qual possue namorado mais extremoso; e eu, que não perco nada d'olho, tenho aprendido com ellas.

— Então principia tu, disse Pedro, fervendo em curiosidade.

— Olha que vou deital-o por ti.... Mal-me-quer.... bem-me-quer.... mal-me-quer.... bem-me-quer.... mal-me-quer....

Ai! que a flor desdiz o amor de Pedro: acaba em *mal-me-quer.* Por mui poucos momentos duraram os primeiros amores em bonança. Ahi principiam já agitados e procellosos. Se são amores! O calumniado amante protesta contra a veracidade do processo, o que Adelaide rejeita, asseverando que a flor não mente. Quem fallará verdade? Adelaide e a flor, ou Pedro? Santo Deus! como resolver a questão? Pedro, que ama deveras Adelaide, não consentirá nunca em ficar por mentiroso e ingrato; e ella, que acredita com toda a boa fé da innocencia nos prognosticos da flor, não descrerá facilmente, muito mais tendo ouvido já dizer ás irmãs que os homens são falsos e inconstantes.... Ah! Leia-se outro mal-me-quer. Quem sabe? Póde ser que Adelaide se enganasse, arrancando duas folhas por uma; que repetisse duas vezes seguidas bem-me-quer, ou mal-me-quer. Contraprove-se pois. Está dito. Adelaide apanha outro mal-me-quer e principia a desfolhal-o. Pedro olha fixo, attento, cuidadoso....

Não ha que ver! Ou Pedro não ama, ou as flores mentem, porque o segundo mal-me-quer nega egualmente o amor de Pedro. Nova questão. Esta, porém, de prompto a resolve Pedro, descrendo, de vez, das predicções da flor, e esmagando a sua. Pelo seu lado, Adelaide zanga-se, mortifica-se, entristece, chora, volta-lhe a cara, repelle-o.... mas o amor, que é excessivamente incredulo e clemente, resolve-a, por fim, a não acreditar tambem nos mal-me-queres, e a fazer as pazes.

Bem! não se falle mais n'isso. Lá se tornam a abraçar, e a beijar; lá vão passear, saltar, brincar, esquecidos das predicções da flor. Pobres amantes! Mal sabem que a flor lhes dizia a verdade! Essa felicidade não durará muito. D'aqui a pouco virão chamar Pedro para se retirar com seus paes; e, então, adeus primeiros amores! Até quando? Nenhum o sabe nem o póde determinar. Pedro e Adelaide ainda não são senhores da sua vontade, e o futuro não revela as suas acções. Pedro tem de deixar Adelaide, talvez para nunca mais a ver. Arrebatam-n'o circunstancias inflexiveis. A alegria d'aquelles corações em breve se desfará em lagrimas e saudades; mas o tempo, os proprios paes e o mundo lhes vedarão essas lagrimas e desfolharão essas saudades. Os primeiros amores morrerão deseccados pelos desenganos d'uma ausencia irremediavel, e, mortos os primeiros amores, como fica o coração? Vasio de es-

SCENAS DA INFANCIA.



Os primeiros amores. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

peranças e illusões. A separação será, pois, como a transição da vida ideal para a vida positiva. Ao tempo, o encargo de limar as paixões mais intimas e reconditas; á educação, o de preparar convenientemente a perversão das inclinações mais puras e vehementes; ao mundo, o de aclimatar essa perversão no espirito mais nobre e immaculado. Como tudo muda! Passados quatro ou cinco annos Adelaide já não será a mesma, aquella terna, candida, extremosa e condescendente amante que desfolhava malme-queres com Pedro; mas, sim, uma mulher de sociedade, que não pensa senão em modas e n'um casamento *vantajoso*. Se encontrar Pedro, ha de fingir que o não conhece, ou zombar d'elle; e Pedro, vendo-se esquecido e escarnecido, amaldiçoal-a-ha no desespêro do seu amor atraiçoado.

Como fallaste verdade, mal-me-quer!

Máo agouro é demonstrar amores desfolhando flores, e flores com o nome de *mal-me-queres;* mas não podia haver processo e flores que melhor informassem dos amores e os exprimissem.

Qual é a causa e fim para que colhemos as flores? Não é a sympathia, não é a amizade, não é a alegria, que o veludo de suas petalas matizadas nos arranca d'alma? Não são os sonhos de phantasia e amor com que o seu perfume rescendente nos anima, repassa e embala os sentidos? Não é o ciume de as vermos ornarem campos e jardins; não é a tristeza que principia a pesar-nos ao abandonarmos o espirito que para ellas fugiu, que nos accende o desejo de as roubarmos para, tão só, ornarem os nossos peitos, e, assim, restituirmos a alegria ao coração? E. E que pago nos dão ellas de tantos extremos? O mais ingrato e cruel. Depois de acceitarem os nossos afagos, de nos perderem d'amores e de se deixarem apanhar viçosas e risonhas, entristecem, pendem e desfolham-se ao respirarem o halito da nossa vida intima!

Pois com os amores succede o mesmo.

A mulher parece amar-nos em quanto nos não arranca o coração com os encantos da sua belleza, em quanto nos não magnetisa a alma com os seus olhares de fingida meiguice e candura, com os seus sorrisos de mentirosa eloquencia, com a sua voz de falso anjo. Quando, porém, já somos seus, quando rainha do nosso amor, desfolha-se como as flores. Meigos sorrisos, promessas de lealdade, encantos provocadores, freneticos abraços, fervidos beijos, onde estão? para onde passaram? onde vivem? onde se encontram? Tudo affrouxou! tudo immurcheceu! tudo desnaturou! tudo se desdisse! tudo voou nas azas da ingratidão, como as petalas caídas das flores voam nas azas do vento!

Por isso, sendo as flores a imagem dos amores, se escolheram aquellas para exprimirem a duração e a linguagem d'estes.

Não havendo flor que na jarra conserve o mesmo viço e frescura que ostentava na terra, e dure tanto

como ahi; não existindo flor que, ou na terra ou na jarra, não murche, se desfolhe e seque, não parece que as flores desprezam a nossa amizade e, por assim dizer, nos querem mal? Certamente.

O mesmo acontece com os amores.

Não ha amores que em nosso poder nutram o mesmo ardor e aturem tanto como antes de serem nossos; não ha amores que, mais cedo ou mais tarde, não acabem e se convertam, na maior parte das vezes, em odio, ou indifferença.

Eis porque para os demonstrar, entre as flores que todas exprimem amores, se escolheu o *mal-me-quer*.

Por mais razões, ainda, se assimilham os amores ás flores, e as flores aos amores. As flores vivem mais na terra, onde, além d'isso, se reproduzem, do que na jarra onde morrem depressa sem se succederem. E porque? Porque as flores amam a liberdade dos campos, por cuja extensão de terra e ar, profundam as suas raizes e levantam, desassombradas, os seus ramos; porque as flores prezam o orvalho das madrugadas, que lhes rejuvenece todos os dias o brilho e a transparencia das suas côres d'esmeralda, de rubim e de topasio; porque as flores, em fim, adoram apaixonadamente a tempestade, mensageira dos seus amores.

Ora, outro tanto acontece com os amores.

Os raros amores verdadeiros que apparecem, ainda assim, vivem mais na liberdade do namoro, do que nos laços *eternos* do matrimonio, porque a certeza produz n'elles os mesmos effeitos que as calmarias produzem na navegação: adormece-os. Em quanto que o receio é uma especie de tempestade que os faz mover e proseguir constantemente em seus acalorados empenhos. Os amores gostam mais de marear pelo mar perigoso das difficuldades e aventuras, do que permanecerem fundeados no prosaismo do immovel lar nupcial. A procella anima-lhes o colorido, povoa-lhes a imaginação de poeticas phantasias, sublima-os, finalmente, inspirando-lhes heroico valor para affrontar os contratempos, robustecendo-os na constancia e dedicação.

Os amores são em tudo como as flores. Assim como o tempo, a colheita e os vicios atmosphericos alteram e anniquilam as flores, assim o tempo, a educação e os vicios sociaes modificam os amores. Vemol-os sempre inseparaveis, porque não podem viver sem se corresponderem e imitarem. Amores são flores, flores são amores, e por isso os primeiros amores, que são os verdadeiros, nascem por entre flores, consultam flores, presenteam-se com flores, e lêem a sua sina nas flores.

Ditosos os que vivem nas flores e nutrem amores sem lhes conhecerem as diabruras, e por isso classifiquei os amores d'aquellas crianças, d'amores mais felizes da vida, amores como nunca mais se gozam, amores que não voltam, amores que não se encontram mais. Que importa que durem um momento? O tempo é para o gozo da alma e do coração uma quantidade que passa inapercebida. Essas lagrimas que elles hão de verter, essas saudades que tão dolorosamente sentirem, não achariam menos curto o espaço de mil annos, se só no fim de tanto os separassem.

Todavia, não quero amores, não quero flores.

NOGUEIRA DA SILVA.

RESIGNAÇÃO E RESPOSTA PHILOSOPHICA.

Quando levaram a Anaxagoras a noticia de haver morrido seu filho unico, que ternamente amava, o philosopho respondeu: «Que novidade! Eu bem sabia que o não criei para viver sempre!»

AS MARAVILHAS DA SCIENCIA. (1)

O homem chega á terra debil e nú, sem ter outras armas além da sua intelligencia para luctar contra a creação. Se ficasse entregue exclusivamente ás suas forças corporaes, o rei da natureza faria uma figura risivel, comparado com os formidaveis animaes que o cercam, e appareceria o mais desherdado dos seres do globo. O leão tem dentes e garras; o elephante a sua tromba; o cavallo ligeiras e flexiveis pernas. Porém o homem não se compõe só da rude argilla com que foi amassado pelas mãos de Deus: na sua fronte estampa-se-lhe o signal brilhante de uma intelligencia superior, o sêllo sagrado de uma missão divina. Assim, desde o berço até á cova acha-se a sua vida em continua lucta; lucta penosa sempre, victoriosa algumas vezes; lucta incessante, encarniçada, quotidiana, dos braços que trabalham e do cerebro que pensa.

Cada homem, por mui profundamente sumido que esteja na materia, traz em si o desenho de uma existencia anterior e de um ideal supremo, como a recordação de um Eden longinquo, desde o dia em que Adão teve que deixar o paraiso terreal, ferido nas espadoas pela vara do archanjo vingador. Desde este dia começa uma laboriosa expiação; porém, ao mesmo tempo, uma aspiração insaciavel, a inextinguivel sêde da bemaventurança perdida.

A qualquer lado que se dirija, para Jehovah ou para Jupiter, affigura-se-lhe unicamente deuses exterminadores e zelosos, terriveis gigantes, sentados impassiveis, distantes das vistas humanas, em thronos de nuvens, com a mão crestada sobre os raios em sanhudas attitudes de ameaça. O ceo penetra no inferno, o Olympo corresponde com o Averno. Adão, expulsado do Paraiso, encontra-se no caminho com Prometheu encadeado.

A historia da humanidade, diz-se, não é mais que um sombrio martyrologio, escripto com lagrimas e sangue; um vai-vem de trabalhos e soffrimentos penosamente cumpridos. Um prolongado gemido, suspiros e queixas atravessam o mundo, e elevam-se como as trevas de uma noite de carnificina.

A impotencia do homem foi a origem da sua rebeldia; a esperança do resgate infundiu-lhe audacia e orgulho. Não podendo enternecer um deus feroz, intentou escalar o ceo. Esta necessidade de libertar-se das miserias oppressoras, o secreto desejo de alcançar uma felicidade sonhada, que desapparecia continuamente, ha sido o fim constante dos seus esforços.

O orgulho não contido revela-se na creatura desarmada e a ascende até ao empireo. Com as suas debeis mãos, o homem forjou armas, pediu á natureza que lhe subministrasse instrumentos de vingança, proprios de destruição, não contra o seu similhante, ao principio, senão contra uma divindade cega, implacavel e inimiga. Cortou o solo para tirar o ferro, que limou a fim de converter os ramos das arvores em lanças e venabulos, guarnecendo as flexas com as pennas dos passaros; e como Nemrod, o forte caçador, lançou contra o ceo essas flexas imponentes.

D'aqui proveiu a guerra insensata dos gigantes contra os deuses do Olympo, e o fabuloso assalto que quizeram dar ao ceo, para o qual construiram a torre chamada de Babel. Porém, em todas as partes a lucta é desegual, pueril, chimerica, e, o que é peior, sem fim. A humanidade é repellida, transtornada, castigada e forçada de novo a cumprir o seu amargo destino.

Convenceu-se, pois, o homem de que não era bom provocar a colera dos deuses, os quaes com um so-

(1) Traduzido do hespanhol.

pro do seu enojo destruiam as Babeis, abatiam as torres, e lançavam por terra as muralhas. O grito de desafio lançado pelo genero humano foi afogado no diluvio universal.

O homem comprehendeu, então, que tinha errado o caminho, e emendou-se: illustrado pela experiencia, viu que não estava destinado a luctar contra Deus, mas contra a creação, e que, não podendo conquistar o ceo, devia regular-se com a terra, e tirar d'ella todo o partido possivel. Fazer habitavel o seu planeta, não é bosquejar o paraiso, senão obter uma conquista do ideal.

Os primeiros grandes homens foram naturalmente os heroes que se achavam revestidos de força superior, como os athletas sobrehumanos Hercules e Theseo, os quaes alcançaram a gloria de ter desembaraçado de monstros a superficie da terra, que foi o immenso trabalho das primeiras gerações. Hercules resume e precisa um esforço consideravel, o esforço dos tempos heroicos, despovoando os curraes de Augias, e não sem razão occupa um glorioso posto na galeria dos bemfeitores humanos. Nós acceitâmol-o como authentico, e não como lenda de heroe fabuloso; a sua existencia parece-nos tanto mais demonstrada, quanto provavelmente ha sido necessaria.

Á medida que a intelligencia humana se engrandece em derredor do homem, a creação depura-se e regularisa-se: a horrivel propagação dos monstros retrocede para o nada; as larvas informes desapparecem como uma reunião de vapores dissipada ao primeiro raio do sol. A humanidade, rejuvenecida e tranquillisada, respira com inteira liberdade ar mais puro, e póde, sem turvar-se, proseguir na obra da regeneração.

A natureza não se submetteu ao primeiro esforço, sem haver antes opposto largas e obstruidas resistencias: entregou-se pouco a pouco, e passo a passo. Para domar as suas forças e imitar os seus recursos, necessitou o homem da intelligencia que descobre, e da vontade que não desanima. Com a chave da sciencia foi abrindo, um a um, os segredos da natureza, e a creação foi a officina em que, trabalhador perseverante, não suspende nunca o infatigavel lavor que começou ha 6,000 annos, sem ter feito alto uma só vez para descançar.

Não ha espectaculo mais grandioso nem mais terno ao mesmo tempo que a incessante batalha do homem contra a creação. Começa por combate individual e isolado, arrojada tentativa dos partidarios do genio; porém, o esforço local restringe-se a algum Prometheu desconhecido. Depois de indicado o movimento, as massas seguem-n'o, as associações formam-se, e o assalto á materia dá-se com união, regularidade e estrategia; os obstaculos desapparecem, os véos rasgam-se, os mysterios tornam-se visiveis, e o desconhecido evacua-se.

É necessario afugentar a fome, o frio, a fadiga, as enfermidades; repellir as miserias desoladoras, prover ás necessidades imperiosas de cada dia, de cada hora. O homem começou a defender-se contra a creação, porque a necessidade opprimia. A natureza ministrou-lhe modelos. O despojo dos animaes vestiu-o; as carnes d'estes ensanguentadas alimentaram-o como os fructos das arvores e as colheitas dos grãos semeados pelo vento prodigo. Não é a terra uma esplendida despensa, sempre surtida, aonde se sacia a humanidade faminta? O trigo satisfaz o seu appetite, a fonte apaga-lhe a sêde.

(*Continúa*).

BRITO ARANHA.

O verdadeiro sabio emprega a maior parte da vida a corrigir os seus menores defeitos.

MOUSON.

A SPHINGE OU A SCIENCIA.

A Sphinge era um monstro fabuloso, ao qual os antigos davam ordinariamente rosto de mulher e corpo de leão. Via-se em quasi todos os monumentos egypcios, representada ora com azas, ora sem ellas, mas com longas tranças de cabellos. Plutarco diz que os egypcios ornavam os templos com estas extravagantes composições, para significarem que a sua religião era toda enigmatica. A Sphinge mais celebre na fabula é a de Thebas, que Hesiodo dá como filha d'Echidna e Typho, famoso gigante de cem cabeças, que foi terror d'homens e deuses. Juno, irritada contra os thebanos, enviou-lhes este monstro para os desolar. Representava-se differentemente da do Egypto. Tinha rosto, voz e seio de mulher bella e joven, pés de leão, corpo de cão, cauda de dragão, e azas como as dos passaros. Exercia, de ordinario, as suas crueldades sobre a montanha Phicea, onde se lançava aos passageiros e lhes propunha enigmas complicados e difficeis, precipitando aquelles que não os adivinhavam. Afflictos e inconsolaveis, offereceram os thebanos a coroa de Thebas áquelle que explicasse os enigmas da Sphinge. Œdipo, homem de grande penetração, excitado pela grandeza do premio, acceitou o convite. Revestido de coragem, e fiado em si, apresentou-se á Sphinge, que lhe propoz este enigma: « Qual é o animal que primeiro anda em quatro pés, depois em dois, em seguida em tres, e por ultimo outra vez em quatro? » Œdipo respondeu immediatamente: « É o homem; porque quando nasce, não póde andar senão de gatinhas, sobre os pés e as mãos; depois, quando tem mais força, quando mais crescido, anda só nos pés; quando chega á velhice, perde as forças, e precisa de apoiar-se a um páo, figurando andar em tres pés; finalmente, na velhice decrepita vê-se obrigado a permanecer na cama, tornando-se, d'algum modo, animal de quatro pés. » Então a vaidade e o desespêro levou a Sphinge a terminar a vida, esmigalhando a cabeça d'encontro a um rochedo; e Œdipo pondo sobre um burro o corpo, ainda quente, da moribunda, conduziu-o a Thebas, como prova manifesta do seu triumpho, sendo logo, conforme o decreto, proclamado rei. Herodoto falla d'uma outra Sphinge, com o nome de *Androsphinge*, a qual tinha cabeça d'homem. Vê-se ainda um d'estes fabulosos monstros ao pé das grandes pyramides do Egypto. É de grandeza extraordinaria, e feita de uma só pedra. Ha duvidas sobre se foi talhada em rochedo que a natureza houvesse alli formado, ou transportada. Deixâmos ao leitor a liberdade de se pronunciar pelo que lhe parecer mais verosimil. Contam os historiadores muitas fabulas d'esta figura. Entre outras, cuja descripção nos absorveria alguns numeros inteiros do Archivo, dizem que dava oraculos; mas similhantes oraculos eram fingidos com artificios dos sacerdotes que, como se sabe, dos subterraneos que communicavam com a boca dos idolos, respondiam ás perguntas dos crentes. Plinio diz que havia um grande numero d'estas Sphinges nos logares inundados pelo Nilo, a fim de conhecer o acrescimo das aguas. Hoje as Sphinges ornam os jardins e os terraços.

Um grande philosopho inglez, um do mais sagazes e profundos genios que honram a humanidade, Bacon, n'uma pequena obra que escreveu sob o titulo *Sabedoria dos antigos*, onde, analysando originalmente a mythologia, discutiu esta sciencia; sciencia « que os primeiros sabios cobriram com o véo mysterioso da allegoria » interpreta a fabula da Sphinge de Thebas, pelo seguinte modo: — « Esta engenhosa fabula parece figurar allegoricamente a sciencia. Com effeito: póde-se olhar a sciencia como uma especie

de monstro, pois que excita a admiração ou antes o estupido espanto dos ignorantes, que a encaram cômo um prodigio. A Sphinge participa da fórma de differentes animaes, para significar a admiravel diversidade dos seres que são o objecto das contemplações humanas. O rosto e voz de mulher bella e joven representa os discursos agradaveis, eruditos, e, em geral, (seja dito entre nós) um pouco *falladores*. As azas symbolisam as sciencias e as invenções espalhando-se rapidamente e voando por toda a parte; porque a sciencia communica-se tão velozmente como a luz. Com razão se dá á Sphinge unhas muito agudas e recurvadas, porque os principios e os argumentos das sciencias penetram o espirito a tal ponto, que o subjugam pela força das razões, e levam á convicção. « As palavras do sabio são outros tantos aguilhões ou pregos profundamente cravados, diz Salomão. » Toda a sciencia parece estar collocada sobre uma montanha escarpada. Não sem fundamento se olha como cousa sublime e elevada; porque da altura onde a sciencia está, baixa e espalha a vista pelo espaço immenso que a ignorancia occupa, como se póde fazer do cume de uma montanha elevada. A Sphinge assolava os caminhos, porque na peregrinação da vida o homem encontra sempre occasião de se instruir e objectos de meditação. Propunha aos passageiros questões obscuras, enigmas difficeis de explicar, que as musas lhe ensinaram. Ora em quanto nas musas só reside o segredo dos enigmas, nada ha a temer, porque o fim das analyses e meditações limita-se, apenas, ao prazer de saber e instruir; o entendimento vive satisfeito e nenhuma necessidade o inquieta; divaga, por assim dizer, livremente; a diversidade dos assumptos que medita, e as proprias duvidas o recreiam. Mas assim que os enigmas passam das musas para a Sphinge, isto é, quando se trata d'applicar a theoria á pratica, d'escolher entre muitos meios, de tomar uma resolução fixa e passar á execução, então é que taes enigmas deixam de ser um recreio, tornando-se, realmente, uma fonte d'inquietação; o espirito sente-se attrahido em todos os sentidos ao mesmo tempo: acha-se n'um verdadeiro supplicio. Mui consequentemente se ligam aos enigmas da Sphinge duas condições de natureza bem oppostas. Na verdade, aquelle que não póde resolvel-os, vive no grande tormento de incerteza e irresolução, em quanto os que os adivinham obtem uma coroa, porque se tornam senhores do assumpto, reis, por assim dizer, da cousa. Os enigmas da Sphinge são de duas especies: uns tem por objecto a natureza das cousas, outros a natureza humana. Effectivamente, os que chegam a conhecer enigmas, d'uma ou outra especie, alcançam tambem um ou outro d'estes dois premios: imperio sobre a natureza ou sobre os seus similhantes. O fim proprio e ultimo da verdadeira philosophia é reinar sobre todos os seres, dominal-os, affeiçoando-os aos moldes das suas doutrinas e necessidades. O enigma proposto a Œdipo, e cuja solução o elevou ao throno, tinha por objecto a natureza do homem. Com effeito, todo o homem que profunda a natureza humana póde sempre ser o artifice de sua fortuna e nasceu para governar. É uma observação que Virgilio faz, indicando os talentos e as artes que julgava mais apropriadas aos romanos:

« E tu, romano, lembra-te que o teu patrimonio é reinar sobre as nações; eis-aqui teu unico talento e tua unica sciencia. »

« Um outro facto que, com muita ligação, se applica a esta ultima observação, é que Cesar-Augusto mandou gravar no seu sêllo a figura de uma Sphinge, porque devia o imperio á sua profunda politica. Durante o curso da sua prolongada vida, este imperador resolveu sempre, com tanta rapidez como exactidão, grande numero d'enigmas sobre a natureza humana, e estes enigmas foram, n'uma infinidade d'occasiões, tão importantes, que teria perdido irremediavelmente o throno, se os não houvesse resolvido promptamente. A fabula acressenta que o corpo da Sphinge vencida foi posto sobre um burro, addição muito judiciosa, porque hoje que as verdades scientificas se esclarecem e tornam publicas, o espirito mais mediocre fica em estado de comprehendel-as, tratal-as e communical-as. Não esqueça uma outra circunstancia: é que o vencedor da Sphinge tinha os pés inchados e pouca aptidão para correr. (1) Isto significa que, para resolver os enigmas da Sphinge, é necessario muita prudencia, socego e premeditado estudo. A impaciencia e precipitação conduzem o homem ao erro, o espirito á inquietação e desespêro, em vez de o conduzirem a obras uteis, como conduzem aquelles que se entregam a uma longa e methodica meditação. »



Androsphinge.

MODERAÇÃO DE ANTIGONO.

Antigono, um dos successores do grande Alexandre, ouvindo proximo de sua tenda alguns soldados que fallavam mal d'elle, deitou a cabeça de fóra e observou-lhes com a maior tranquillidade: « Eh! Se quereis fallar mal da minha pessoa, ide um pouco mais para longe, a fim de que não vos ouça e me veja obrigado a castigar-vos. »

Explicação do enigma do numero antecedente.

Pae e mãe são os verdadeiros amigos e aquelles que o homem menos conhece.

(1) Quando Œdipo acceitou a proposta dos thebanos, tinha os pés ainda inchados, resultado quasi permanente d'uma doença adquirida na infancia.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4, P